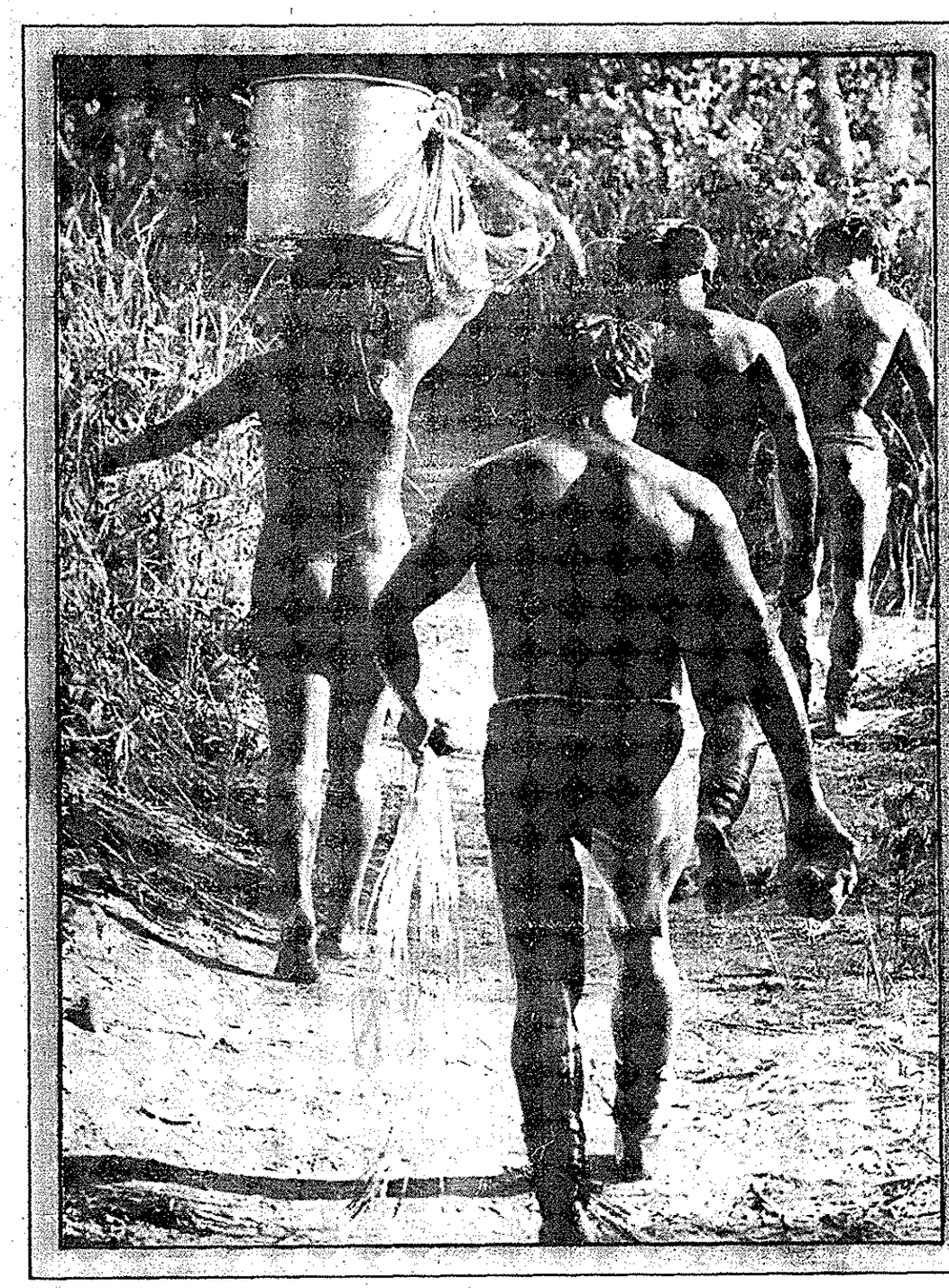
Acervo ISA

4468 LBA - JORNAL RECORTES LTDA SUCURSAL DE BRASÍLIA
19/5/85
HQR00007 CB - 19/05/85

A UTOPIA EXISTE.



Uma sociedade sem palácios e sem favelas que não conhecia a mentira antes de conhecer o branco e que não sabe o que é loucura. No Xingu, o chefe não tem poder, mas é experiente e ordena o trabalho da tribo. O trabalho e a alimentação do índio do Xingu são os temas do programa que será repetido esta tarde pela Nacional.

Quem quiser conhecer uma sociedade sem ricos e sem pobres, onde todos são iguais. Uma sociedade sem palácios e sem favelas. Sem polícia e sem hospícios. Sem bordéis e sem hospitais. Uma sociedade que não usa dinheiro em suas relações internas. Que não conhecia a mentira, antes de conhecer o branco. Que não sabe o que é loucura. E onde o chefe não tem poder não pode dar ordens a ninguém — quem quiser conhecer tudo isso deve ver hoje à tarde (15 horas) mais um capítulo da série **Xingu**, que a Rede Manchete e a Intervideo estão apresentando todas as segundas-feiras, às 10 e 20 da noite, no canal 3 e reapresentando aos domingos às 15 horas.

Este quinto capítulo — que se chama "o mundo dos homens livres" — trata exatamente da organização social e política das nações do Xingu. Mostra que ali o chefe não tem poder. Ele é o representante da tradição, da cultura, da experiência. É um líder cultural. Deve ser o mais generoso, o mais conciliador, o que fala melhor. Por isso, é o que mais trabalha. E mais sofre. Mas não tem poder.

Cada casa tem um chefe. Cada caminho que leva à aldeia pode ter um chefe. O terreiro pode ter um chefe. Nas suas respectivas áreas, cada um procura resolver o que for necessário. Se preciso, os chefes se reunirão para discutir o que haja. Mas recomendarão sempre soluções de acordo com a experiência e a tradição de seu povo. Sem impor nada.

O episódio de hoje da série Xingu mostra como são feitas as casas e como se organizam. A divisão do trabalho. A agricultura do Alto Xingu (seus habitantes não comem caça; só peixe e produtos da terra). As festas que antecedem e sucedem a colheita do pequi, um fruto importantíssimo no Alto Xingu. A alimentação do Baixo Xingu, diferente da outra. Ali, come-se muita caça, entre os kren-akroro e os txukarramãe. Mostra uma belíssima caçada dos kren-akroro e a morte de uma sucuri. O lazer entre os xinguanos. As brincadeiras. E até o futebol.

OUTROS TEMAS

A série terá ainda mais seis episódios.

Um deles vai tratar de medicina, magia e feitiçaria entre os povos do Xingu. O chefe Raoni dá um depoimento impressionante sobre seu caminho, seus encontros com os espíritos, até tornar-se pajé. Seus medos, suas tentativas de recuar. Outro chefe, Paru, mostra como uma pessoa é escolhida para ser pajé.

Vários outros xinguanos mostram as ervas e raízes que conhecem para curar muitas doenças, e até fazer uma pessoa parar de roncar. Anticoncepcionais, vomitivos, fortificantes, cicatrizantes, tudo.

O programa acompanha também o trabalho dos pajés kuikuro durante várias semanas, para tentar trazer de volta a alma de um adolescente, roubada por um espírito. Este programa será apresentado amanhã às 10 e 20 da noite, no canal 3.

CORREIO
ATUALIDADES
Suplemento do CORREIO BRAZILIENSE
Não pode ser vendido separadamente
Brasília, domingo, 19 de maio de 1985

Outro programa mostrará a arte viva do Xingu — pois índio não faz arte, ele é arte, vive a arte. Mostrará o canto e a dança dos waurá, dos kuikuro, dos kren-akroro. A música belíssima das flautas. As roupas e adereços que acompanham essas manifestações. As máscaras rituais. E a sofisticadíssima pintura corporal.

Dois programas serão dedicados à velhice e a morte. E o fio narrativo de ambos é um Kuarup, a maior festa do Alto Xingu, em homenagem aos mortos ilustres.

A equipe do programa acompanhou durante semanas todos os preparativos para essa festa e sua realização. Desde o corte dos troncos que encarnarão os mortos, até a pescaria coletiva, com arco e flecha e timbó (sumo de um cipó, que paralisa os peixes), para estocar peixes para os convidados. As danças e cantos preparatórios. O banho público dos parentes dos mortos. A pintura dos troncos. A lamentação dos mortos. A chegada dos convidados.

O programa seguinte será sobre a relação dos xinguanos com os Brancos e o problema da sobrevivência. Cenas feitas na década de 60 mostrarão a primeira aproximação com os kren-akroro. E como eles estão agora.

A contradição que é a relação com a tecnologia do branco. Os objetos produzidos pelo branco facilitam a vida, trazem conforto — mas acabam com a cultura e o modo de viver. Que fazer? Qual o caminho a seguir? Integrar com o branco? Ou tentar viver isolados. Os chefes do Xingu dizem o que pensam. E também Megaron, o txukarramãe que hoje dirige o parque do Xingu, e Marcos Terena, que foi chefe de gabinete do presidente da Funai e é agora assessor do Ministério da Cultura para assuntos indígenas.

AUDIÊNCIA

A audiência da série Xingu vem crescendo progressivamente. Somadas as audiências do horário noturno e da reprise aos domingos, já passou da casa dos 20 pontos de Ibope. Isso quer dizer que os programas já estão sendo vistos em mais de 20 por cento dos aparelhos de TV de toda a área abrangida pela Rede Manchete.

FICHA TÉCNICA

Direção e apresentação: Washington Novaes
Fotografia: Lula Araujo
VT e som: Antônio Gomes
Produção: José Carmo
Abertura e edição de imagens: Marco Editoria e Paulo Célio Ribeiro
Supervisão: Fernando Barbosa Lima

A vida no Xingu em mais seis capítulos

O índio e a constituinte

WASHINGTON NOVAES **Especial para o CORREIO**

Nesta hora em que se fala tanto em Constituinte, os interessados no assunto bem poderiam voltar-se um pouco para os índios. Não só para proteger e defender seus direitos — o que é importante e indispensável. Mas para aprender com eles.

O mundo todo não discute a crise das relações do Estado com o indivíduo, o cidadão? Não se fala da necessidade de impedir que o poder destrua as pessoas? Não se discutem formas mais modernas e humanas de organizar a sociedade e o poder?

Pois as nações do Xingu nem precisam discutir isso. Ali, o poder nem sequer existe.

Acontece que os xinguanos, como quase todos os habitantes de nações indígenas, não delegam poder a ninguém. Ninguém mesmo. Por isso, não existe poder organizado. Ninguém manda em ninguém. Ninguém dá ordens a ninguém. Se um índio desse uma ordem a outro, este outro morreria de rir. Ou ficaria perplexo, daria de ombros, viraria as costas e iria cuidar de sua vida. Perguntando-se o que estaria acontecendo com a cabeça daquele que quis dar ordem.

Mas se é assim — fatalmente vai-se perguntar — por que é que eles têm chefe, cacique, capitão ou que nome se queira dar?

O chefe é o **líder cultural**. E o representante da cultura, da tradição, da experiência. Tem de ser o mais generoso, o mais conciliador, o que fala melhor. Por isso, é o que mais trabalha e o que mais sofre. Sem nenhuma recompensa especial. A não ser o respeito de sua gente.

Não é porque sejam "primitivos" que os índios não conhecem o poder organizado. Nem por que sejam pré-históricos. Ou a-históricos. Isso é uma escolha. ESCOLHA CONSCIENTE.

Quem se interessar pelo assunto e quiser seguir adiante, vale a pena ler os ensaios brilhantes do antropólogo Pierre Clastres, que a Editora Paz e Terra traduziu no Brasil com o título de "A sociedade contra o Estado". Clastres vai muito mais longe até, ao sugerir que os marxistas repensem a questão de infra-estrutura e superestrutura, olhando assim ditas sociedades primitivas. Para ele, a infra-estrutura não estaria no econômico, como sustenta o marxismo, e sim no político. A ausência de dominação econômica seria a conseqüência da impossibilidade de haver dominação política. E sem esta dominação, não há trabalho pago nem produção de excedentes. Assim, o econômico seria a superestrutura, e não a infra-estrutura. Clastres acha que se os marxistas derem a atenção devida a essas sociedades acabarão por fazer com Marx o que Marx fez com Engels, uma inversão da dialética.

Mas não é só aí que podemos aprender com nações como as do Xingu. Podemos aprender com eles o absoluto respeito à liberdade pessoal, o extraordinário respeito pelo outro. Ninguém estabelece regras para a conduta do próximo. Em tempo algum, em circunstância alguma. Nem mesmo no âmbito doméstico. O marido ou a mulher jamais recriminam o cônjuge, se não estão insatisfeitos. O máximo que um deles pode fazer é recorrer à roda de pajés, que, no entanto, não fará nenhuma advertência à pessoa de quem se queixa. Muito menos lhe imporá qualquer conduta. O máximo que os pajés farão será dirigir-se a todos os homens (se mulher for a queixosa) lembrando-lhes seus deveres, a forma pela qual sempre se comportaram naquela sociedade, ao lançar ao longo dos séculos, para que ela pudesse sobreviver em paz. Se o queixoso for o homem, os pajés se dirigirão a todas as mulheres. Isto é, batem na cangalha de todos. Cada um enfie ou não a carapuça.

Pode haver respeito maior?

O NÓ DA QUESTÃO

Mas se os índios podem ensinar-nos muito, por outro lado eles precisam desesperadamente da nossa ajuda na Constituinte.

Para entender bem isso, é preciso começar lembrando que não existem **índios**, na verdade.

Quando os portugueses chegaram aqui, encontraram nações perfeitamente organizadas, com território definido, língua própria, organização social e política eficiente, tradições, costumes, tudo. A nação Savante, a nação Bororó, a nação Kamaiurá, a nação Waurá, a nação Pataxó, a nação Terena, a nação Guarani e assim por diante.

Para poder escravizar os habitantes dessas nações, explorar seu trabalho, os brancos começaram por negar-lhes identidade. Passaram a chamar todos de "índios". E a massacrá-los. A tal ponto que foi preciso um papa decretar, no século XVI, que "índio tem alma", para que deixassem de ser mortos impiedosamente. Em vão.

Seria como se de repente desembarcassem na América do Sul os habitantes de uma outra galáxia, vestidos de modo estranho, falando uma língua desconhecida e portando armas muito mais poderosas que as nossas, e decretassem que nós, brasileiros, argentinos, bolivianos, etc. somos todos **sul-americanos**, apenas, e não temos alma. Por isso, teríamos de aprender a língua deles, adorar seus deuses, trabalhar de graça para eles, consentir em que nossas mulheres, filhas e irmãs fossem violentadas por eles, e concordar com a remessa, para aquela galáxia, de tudo o que temos de mais bonito e mais valioso. Quem resistisse, seria morto.

Foi isso que aconteceu com as nações que povoaram o Brasil. Segundo os estudos mais recentes, seus habitantes eram pelo menos 3 milhões de pessoas, na época do descobrimento. Hoje, não chegam a 200 mil, enquanto os descendentes daquelas poucas centenas de portugueses somos mais de 100 milhões.

Então, é preciso partir desse ponto: o chamado índio é cidadão de uma outra nação; e vive em uma outra cultura, **tão rica quanto a nossa — ou mais — e tão respeitável quanto a nossa.** Mas acontece que

tudo o que o índio sabe e que o torna uma pessoa independente e autônoma em sua cultura não tem nenhum valor na nossa cultura, nem tem onde se exercitar. Qualquer índio sabe fazer sua casa, sabe plantar sua roça, caçar, pescar, pilotar a canoa que ele mesmo faz, produzir seus remédios, sabe fazer rede, esteira e cesta, roupas e enfeites — enfim, tudo o que é preciso para ser uma pessoa integrada em sua cultura.

Mas são habilidades que precisam de um meio específico para ser exercidas. Precisam de terras, precisam de rios não poluídos, precisam de mata. Sem eles, essa cultura não sobrevive. Sem eles, o índio tem de entrar no mundo do branco, onde todos os seus conhecimentos de nada valem. Ele se transforma em bóia-fria, alcoólatra, mendigo, louco.

É possível que os índios tenham de decidir pela integração com o branco e sua cultura. Mas só eles podem decidir isso. E precisam, se assim o decidirem, de tempo para a transição.

Então, é preciso, em primeiro lugar, proteger as terras dos índios, que secularmente lhes foram asseguradas por todas as Constituições do Brasil. Mas com muitos porém. A Constituição em vigor, ao contrário das anteriores, não diz que a terra é deles, e sim da União; apenas lhes reserva o usufruto.

É necessário, assim, restabelecer no texto constitucional que a terra é dos índios, e não só o seu usufruto. E é necessário exigir dos governos providências imediatas para demarcar as terras dos índios. A lei que mandou demarcá-las estabeleceu um prazo, vencido há muitos anos. E só uns 15 por cento das terras foram demarcados. Por isso há tantos conflitos entre índios e garimpeiros, fazendeiros, supostos posseiros e outros, que se valem disso para invadir suas terras.

Por outro lado, é preciso inscrever na Constituição o direito que tem sido chamado de plurietnia ou plurinacionalidade. Isto é, o direito desses povos de serem não apenas brasileiros, mas manterem sua nacionalidade anterior — para que o direito de preservar sua cultura esteja assegurado e eles não precisem ser considerados relativamente incapazes, como hoje, para serem protegidos pelos governos.

É preciso fazer tudo isso com a maior urgência. Para que não venhamos a ser acusados por nossos netos de genocidas, porque fomos cúmplices no extermínio desses povos. E de cegos, porque fomos contemporâneos de seres que vivem muitas das utopias da espécie humana e não fomos capazes de enxergá-los. Ou, se enxergamos, não suportamos sua beleza ética e estética. Por isso os liquidamos.

São muitas as ameaças que pesam sobre eles. Como a de abrir suas terras à mineração, mesmo que pagando **royalties** ou o que quer que seja. Isso seria a sentença de morte para as nações que ainda restam no Brasil e não se degradaram no contato com o homem branco.

Esse é o desafio que está colocado diante de nós, como seres humanos. Ou somos capazes de olhar de frente o problema desses povos — e ajudar a resolvê-lo — ou teremos de admitir para nós mesmos, sem mais fuga possível: não queremos que o mundo seja melhor; não queremos uma sociedade melhor, mais justa, mais harmônica, mais bonita, sem exploração. Não queremos um mundo de homens livres.

Faremos jus, plenamente, ao que muitos índios pensam: o homem branco enlouqueceu; derrubou as matas, envenenou os rios, exterminou os pássaros, os peixes e os animais da floresta. Envenenou a terra e fechou todos os seus poros. E foi morar em gavetas enfumaçadas, empilhadas umas em cima das outras. Fica ali, armado até os dentes, esperando seu irmão. Para matá-lo.